

**ESTUDO DA ATIVIDADE DIALÓGICA NA DÍADE
CRIANÇA - CRIANÇA DURANTE A BRINCADEIRA***

Andrea Bordo PINI (PUC-SP)**
Andrea SAUER (PUC-SP)**
Maria Claudia G. ROCHA (PUC-SP)**
Renata de Oliveira BIANCHI (PUC-SP)**
Gláís S. CORDEIRO (adaptação) (PUC-SP)***

ABSTRACT: This scientific work wanted to study the dialogically relation between a pair of children during a designed game, investigating how a child plays the interpreter's part, instead of the other child.

There has been realized 5 video engravings at Creche Vila Prado with each pair of child-child. The children were Mara Rúbia (born in 22/01/89), Renato (born in 10/01/89), Vivian (born in 16/01/89) and Everton (born in 25/09/89). The video engravings has been done twice a month and they had 20 minutes of duration. After that, there has been done the "corpora" of each video engraving, to do analysis next.

The analysis showed that, in the dialogically relation between child and child, the responsibility of structuring and maintenance isn't placed in none of the children, but divided between them. However, this subject needs more studies. There're a lot of doubts about dialogocally relation between a pair of children, but the right point is that it's favorable to the development of the language.

0. Introdução

Este trabalho teve por objetivo estudar a atividade dialógica na interação criança-criança durante a brincadeira, investigando como a criança assume o papel de intérprete na díade.

Nosso interesse em estudar pares coetâneos se deveu ao fato de ser este tema ainda pouco investigado, já que na área de aquisição de linguagem prevalecem os estudos de díades criança - adulto, enfatizando a importância do adulto para o desenvolvimento de linguagem da criança.

Na realidade socioeconômica de São Paulo, entretanto, centenas de crianças permanecem em creches a maior parte do tempo, enquanto seus pais trabalham, configurando-se, então, essa forma de interação de parceiros da mesma faixa etária, que passam a ser co-autores no

processo de desenvolvimento de sua linguagem. Para compreender este processo deve-se, portanto, levar em conta as características e os valores sociais da comunidade a que as crianças pertencem.

Entendermos que o processo de aquisição de linguagem da criança inicia-se a partir do momento em que se dá sua inscrição na ordem do simbólico, ou seja, desde seu nascimento. Cabe ao adulto interpretar as ações da criança, pois, ao interpretá-las, recorta-as, atribuindo-lhes um sentido, e assim faz com que a criança seja representada como interlocutor, como sujeito.

A interpretação que o adulto faz se dá no plano da linguagem verbal, isto é, o adulto recorta as ações da criança, atribuindo-lhes um significado. Dessa forma, o significado é construído na linguagem.

"É na atividade dialógica estabelecida entre a mãe e a criança que o conhecimento de linguagem ou do mundo é construído." (LIER, 1983, p. 12)

Diante disso, o adulto também se constitui na diáde; ele próprio é sujeito da relação. Em situações em que haja predominantemente interação de crianças, a importância do adulto também está presente, na medida em que a fala do adulto está inserida na linguagem da criança, ou seja, a fala da criança é construída a partir da relação com o adulto.

Dessa forma, é possível pensar que as situações interacionais de crianças pequenas desempenham um papel constitutivo na aquisição de linguagem.

Para conhecer um pouco de que forma a linguagem se desenvolve nestas condições, este trabalho pretende investigar, a partir da proposta de Claudia de Lemos (1986), quais os papéis que as crianças assumem nas interações com pares coetâneos, com ênfase especial para o aparecimento do papel de intérprete.

Mostraremos aqui um estudo da atividade dialógica de quatro crianças de mesma faixa etária, que foram filmadas aos pares em situações lúdicas, dentro de uma creche. A situação lúdica foi escolhida por ser a brincadeira um lugar privilegiado na construção da linguagem infantil, pois *"é nela que a criança cria constantes possibilidades de agir sobre o mundo, através dos papéis que nela assume"*. (OLIVEIRA, 1988, p. 213)

1. Revisão Bibliográfica

Na área de aquisição de linguagem, muitos estudos foram realizados enfatizando o papel do adulto na co-autoria do desenvolvimento de linguagem da criança. Nesta pesquisa assumiremos a visão sócio-construtivista em aquisição de linguagem como o quadro de referência teórica que a sustenta.

De acordo com esta perspectiva, assumiremos como pressupostos básicos do processo de construção de linguagem pela criança as noções de indiferenciação inicial do sujeito e de indiferenciação inicial do objeto.

Nesse processo de construção, a linguagem configura e constitui o mundo, o conhecimento e o próprio sujeito. Este processo de configurar e constituir todo o conhecimento é sempre fruto de um trabalho desenvolvido em co-autoria pelos parceiros interacionais.

"A linguagem, assim como as demais formas de conhecimento, tem o início de seu processo de construção desde o momento em que a criança vem ao mundo, uma vez que ela faz parte da trama de sensações experimentadas pelo sujeito." (ARANTES, 1989, p. 8)

O processo de construção de linguagem pela criança começa no momento em que ela passa a fazer parte da trama de sensações experimentadas pelos adultos que a rodeiam e que garantem sua sobrevivência. Ela está inserida em um contínuo, no qual não diferencia externo do interno. À medida que o adulto, geralmente a mãe, recorta deste contínuo as suas produções através da verbalização de suas ações, ela está interpretando e atribuindo um significado a estas (produções) e constituindo a criança como sujeito. Assim, nesse processo em que a mãe representa a criança como sujeito de sua linguagem, cria-se a possibilidade da criança construir a sua própria linguagem.

A mãe, na interação com a criança, é capaz de interpretar suas mínimas ações, as mais sutis, as mais espontâneas.

"Nessa interação a enunciação é produzida por ela como único falante, e a imagem criada é a de um diálogo. A mãe assume mais de uma voz no discurso representando para a criança." (RUBINO, 1989, p. 20)

Isso leva a crer que antes das primeiras produções verbais a criança já ocupa seu turno no diálogo com o adulto, pois está na linguagem do outro, tornando-se assim **personagem** do discurso. Torna-se **personagem** no momento em que é interpretada, em que o outro dá significado às suas produções.

O outro, ao interpretar a ação da criança, abre a possibilidade de ela interpretar fragmentos do discurso. Quando a criança começa a incorporar os fragmentos da fala do outro, inicia-se o que De Lemos (1989) chama de "*especularidade*". Logo, ela coloca esses fragmentos em circulação, primeiramente, em situações fixas, depois, essas situações começam a variar. Este é o início da "*atoria*" de acordo com a denominação de De Lemos (1986), que se dá pelo processo de "*complementariedade*".

Por complementariedade entende-se "*a adição de um novo elemento, formando uma unidade estrutural, a um elemento já incorporado pelo par interacional*". (LIER, 1983, p. 18) Isto é, quando a criança é capaz de coordenar uma perspectiva própria e é capaz de falar enquanto autora de seu próprio discurso considera-se, segundo De Lemos, o início da "*atoria*". Nessas condições ela faz uso do que De Lemos (1989) chama de "*reciprocidade*". "*Este processo pode ser definido como o momento em que os parceiros atingem a reversibilidade de papéis, permutam seus papéis dialógicos*". (LIER, 1983, p. 21)

Toda criança passa por uma trajetória particular e peculiar para a construção de sua linguagem, sendo este um processo de conversão do discurso do outro em discurso próprio. No início desse processo, a criança não fala, ela é, como já dissemos, sujeito da linguagem do outro (**personagem**), depois a fala do outro passa a estar na linguagem da criança (**atoria**) e, posteriormente, ela passa a ser a **autora** de seu discurso.

Cabe ressaltar que essa **atoria** é ilusória, uma vez que o adulto, em sua atividade de intérprete, doador de sentidos ao comportamento da criança, também foi interpretado.

Com base nessas considerações, entende-se que a interação dos interlocutores é a unidade de análise para estudar a aquisição de linguagem.

Até aqui estivemos falando da interação adulto - criança. Nós, entretanto, apoiadas no conhecimento sobre a interação adulto - criança produzido por De Lemos, pretendemos estudar a díade criança - criança, com vistas a aprofundar um pouco mais a compreensão das possibilidades do processo de aquisição de linguagem nesse tipo de interação.

Nos centros urbanos, a participação crescente da mulher no mercado de trabalho impõe a necessidade de soluções para cuidado das crianças pequenas. Nesse contexto, surgiram, ao longo dos anos, desde programas de assistência ao pré-escolar até instituições que recebem os filhos desta nova mulher, para que ela possa trabalhar. Deu-se, assim, o aparecimento das instituições - creche.

Nessas instituições, o contato com outras crianças constitui a experiência social mais freqüente e intensa a partir da primeira infância, prevalecendo a interação criança - criança à adulto - criança.

A esse respeito vale retomar aqui "*o mito da incompetência infantil que pode ser resumido na idéia de que a criança - especialmente o bebê recém-nascido - é um organismo incompleto relativamente incompetente e inadequado, que através de uma série de progressos, mais ou menos lineares, vai se tornar um organismo complexo, completo e competente - isto é, um adulto*". (THOMAN in CARVALHO & BERALDO, 1989, p. 449)

Por esse ponto de vista, a criança tem um caráter passivo no processo de aquisição de linguagem, tendo o adulto o papel de oferecer-lhe modelos lingüísticos para imitação.

Ao longo das décadas, porém, vem surgindo um questionamento, cada vez mais profundo, desses pressupostos. A criança passou a ser vista como um ser organizado e competente, capaz de adaptar-se às exigências de cada fase de sua vida. Por esse ponto de vista a criança é ativa no seu processo de desenvolvimento, atuando sobre aquilo que o mundo lhe oferece. A partir dessa nova maneira de entender o desenvolvimento infantil, ganha sentido o estudo da interação criança - criança, na perspectiva de conhecer mais as possibilidades do desenvolvimento do ser humano.

Ao tentar estudar o fenômeno de interação de pares coetâneos, deparamo-nos com diversos significados atribuídos ao termo interação. Temos desde Hinde (in PEROSA, 1990), que argumenta que o fenômeno

interacional envolve pelo menos dois indivíduos, mas que a influência entre parceiros não precisa ser recíproca; até autores que acreditam ser a transformação dos indivíduos envolvidos na relação um elemento determinante da interação.

Dentre os últimos podemos citar Selligan (in PEROSA, 1990), que diz existir uma busca de sincronia nos contatos sociais através dos ajustes que o adulto vai fazendo para responder contiguamente à criança e à adaptação do seu comportamento ao da criança.

Segundo Mueller e Brenner (in PEROSA, 1990), a unidade mínima de análise social da interação é o comportamento socialmente dirigido, que pode ser identificado pelo olhar que o parceiro dirige, concomitantemente com uma ação, ao outro competente da díade. Segundo Piaget (in PEROSA, 1990), cada comportamento socialmente dirigido implicaria a coordenação entre o olhar e uma ação tal como acenar, vocalizar ou sorrir. Mais tarde, no curso do desenvolvimento, o repertório da criança permitiria a coordenação dos comportamentos, isto é, duas ações coordenadas com o olhar (a criança olha, vocaliza e acena).

Flament (in PEROSA, 1990) acredita que a criança desenvolve o efeito dos seus atos e, portanto, antecipa a ação, podendo, então, produzir um comportamento para obter um efeito.

Para Oliveira (1988), ver a interação é ver relações dialógicas, ou seja, situações onde significados são construídos e partilhados através da ação conjunta no aqui e agora da situação. Na interação, um conjunto de elementos - espaço físico, objetos, adereços e também gestos, posturas, sons, palavras - são apropriados pelos indivíduos, que lhes emprestam significados atualizados. Com isso, vão sendo construídos, na interação, o cenário, os personagens, o enredo.

Esse cenário, espaço lúdico, é importante no período pré-escolar, é parte integrante da vida das crianças nesta faixa etária.

Pensar em brincar implica necessariamente pensar a criança que brinca, que cria situações imaginárias, que são acionadas pela presença do brinquedo. O fato de cada boneca, carrinho, panela, bola, fazer imaginar histórias diferentes é que faz desses objetos, objetos especiais, ou seja, brinquedos. Cada um desses objetos traz em si um conjunto de

imagens que convidam a criança a brincar. Essas imagens são construídas mediante a inserção da criança no simbólico.

Os objetos e as imagens, que fazem com que a criança crie a situação do brincar, crie a brincadeira, dependem, exclusivamente, da história de linguagem a que ela está exposta, ou seja, a sua matriz familiar.

Inventar brincadeiras, criá-las, traz em si a idéia de que o brinquedo é um objeto em si neutro, sendo que é na e pela linguagem que os sentidos dos objetos são construídos.

A partir de tudo isso é que entendemos a brincadeira como atividade primordial da infância e a assumimos como lugar privilegiado para a construção da linguagem, constituindo-se como espaço de análise na presente investigação.

2. Metodologia

2.1 Perfil da creche

A escolha de uma creche como lugar de observação da interação de crianças se deve ao fato de ser esta uma instituição na qual centenas delas, na realidade da Grande São Paulo, permanecem a maior parte do dia (das 7:00 às 19:00 horas) em contato estreito com outras crianças e sob supervisão mais distante de um adulto.

Essa pesquisa foi realizada em uma creche da periferia de São Paulo. A creche Vila Prado situa-se na região Norte, bairro do Limão.

É uma creche direta, ou seja, a prefeitura é responsável pela manutenção, através de verbas, do fortalecimento de alimentação e demais materiais, tendo como objetivo atender a camada baixa da população, sendo todos os profissionais que lá trabalham funcionários públicos.

Nosso contato com a creche Vila Prado já estava previamente estabelecido por intermédio da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual nós, alunas do quarto ano do curso de Fonoaudiologia, desenvolvemos um trabalho de observação, intervenção e orientação aos pais das crianças da creche e às ADIs (Auxiliar do Desenvolvimento Infantil), supervisionado pela professora Gláis Cordeiro, que ministra o Módulo "Linguagem na Instituição - Creche".

A creche atende aproximadamente 140 crianças de 0 a 7 anos de idade. As crianças são divididas em sete módulos de acordo com a faixa etária:

Berçário Menor - 0 a 9 meses
Berçário Maior - 10 meses a 1 ano e 8 meses
Minigrupo - 1 ano e 9 meses a 2 anos e 8 meses
Maternal I - 2 anos e 9 meses a 3 anos e 5 meses
Maternal II - 3 anos e 6 meses a 4 anos e 6 meses
Jardim - 4 anos e 7 meses a 5 anos e 5 meses
Pré - 5 anos e 6 meses a 7 anos

Cada módulo agrupa aproximadamente vinte crianças, tendo como responsáveis apenas duas ADIs por período.

O quadro de funcionários é constituído por uma Cozinheira, quatro Auxiliares de Cozinha, duas Serventes, um Zelador, três Vigias, uma Auxiliar de Enfermagem, uma Auxiliar Administrativa, Coordenadora Pedagógica e Diretora.

Cada módulo recebeu duas estagiárias de fonoaudiologia, uma para cada período, que semanalmente propõem atividades e participam delas. Semanalmente são realizadas reuniões entre as estagiárias e ADIs e bimestralmente das estagiárias com os pais. Nessas reuniões são discutidos assuntos como aquisição de linguagem, relação família - creche, conceito de "normal" e "patológico", entre outros.

O objetivo do estágio é o de difundir a prática discursiva e interações eficazes para o desenvolvimento da linguagem.

Nesse trabalho, observamos duas díades de crianças do módulo "Maternal II" (3 anos e 6 meses a 4 anos e 6 meses de idade). Escolhemos essa faixa etária porque nela a linguagem oral está mais presente nas ações e nas brincadeiras. Isso favorece o tipo de observação que fizemos.

A criança, nessa idade, geralmente tem controle dos movimentos que faz com os braços e pernas. Anda, corre e se equilibra com facilidade. Em relação à socialização, gosta de brincar em pequenos grupos e já consegue respeitar algumas regras de convivência, sendo

que, muitas vezes, não consegue esperar a sua vez e interfere quando os colegas falam, sem perceber o que está fazendo.

Quanto às brincadeiras, percebe-se a preferência pelo faz-de-conta, numa reprodução de situações vividas no cotidiano. Gostam também de ouvir e contar histórias.

A criança torna-se habilidosa para expressar suas vontades, manifestando seu interesse com clareza, escolhendo aquilo que prefere fazer. Ela é sujeito de sua própria aprendizagem, ou seja, constrói conhecimento a partir das relações que estabelece entre experiências vivenciadas, situações que oferecem desafios e a possibilidade de novas descobertas através das trocas que realiza com o educador e com outras crianças nos diversos momentos do dia-a-dia.

2.2 Caracterização dos sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa são quatro crianças de 4 anos e 4 meses, sendo duas do sexo masculino e duas do sexo feminino. Todas as crianças da creche Vila Prado poderiam ser sujeitos dessa pesquisa. No entanto, para a escolha, estabelecemos para nossos sujeitos o critério de faixa etária e preferência de parceiros.

- Mara Rúbia, nascida em 22/01/89, entrou na creche com 2 anos de idade.
- Renato, nascido em 10/01/89, entrou na creche com 2 meses de idade.
- Vivian, nascida em 16/01/89, entrou na creche com 1 ano de idade.
- Everton, nascido em 25/09/89, entrou na creche com 2 anos de idade.

2.3 Procedimento

A coleta de dados foi realizada, como já dissemos, na creche Vila Prado. Na sala de gravação estavam dispostos dentro de uma caixinha miniaturas (utensílios de cozinha, mobília, bonecos).

As crianças tiveram a liberdade de manusear, explorar e brincar com o material. Num primeiro momento, as crianças exploraram os objetos partindo depois para a construção propriamente dita da brincadeira.

Na etapa inicial do trabalho foram realizadas com cada par de crianças (Mara Rúbia / Everton, Renato / Vivian) cinco gravações em vídeo, totalizando dez gravações. Essas gravações aconteceram quinzenalmente e tiveram duração de vinte minutos.

Posteriormente, foram feitas transcrições ortográficas da fita para a obtenção de "corpora" seguida de análise.

3. Análise

Ao analisarmos os corpora, tivemos dificuldade de manter os objetivos do trabalho quanto à questão do intérprete, conforme descrito por De Lemos, pois percebemos uma simetria entre os pares dada a ausência de um interlocutor mais hábil, como ocorre na interação adulto - criança. Observou-se que as crianças têm que trabalhar, elas mesmas, para a manutenção da interação, onde ambas têm um papel na estruturação da brincadeira.

Verificou-se que as crianças desta faixa etária já utilizam os processos dialógicos de especularidade, complementariedade e reciprocidade (LIER, 1983).

1) Especularidade

Situação 1:

Ru e E brincando com miniaturas de utensílios de cozinha.

(Ru mostra os talheres)

Ru: A sua tá aqui Agora eu vou comer.

E: Agora eu vou comer.

2) Complementariedade

Situação 2:

V e R explorando caixa de brinquedos

V: O bebê. Ah não. O bebê não.

R: Deixa o bebê mamá. Tá com fome de mamá, ó.

3) Reciprocidade

Situação 3:

Ru e E brincando com miniaturas de utensílios de cozinha.

E: O que qui tem qui fazê.

Ru: Almoço. (mexendo nas panelas)

Na brincadeira a criança constrói conhecimento. Ela brinca porque tem vontade de atuar como adulto, e o brincar é atividade constitutiva de linguagem.

Situação 4:

R e V mexendo na caixa de brinquedos.

R: Olha essas colher.

V: Essas colher.

R: Oh uma colher. Aqui ó.

V: É para fazer pastel. Tó, faz pastel. (dá a colher para R)

R: Não.

V: Faz dois ó

R: Dois. (mexe na caixa de brinquedo e pega uma das caixinhas de miniaturas, fazendo-a de panela)

V: Cadê a panelinha.

R: Tá aqui. Olha o pastel. tu u cru uu (pegando duas panelinhas e mexendo uma na outra)

V: Faz com queijo.

R: Oh queijo aqui.

V: Eu não sabia que era queijo. A colherzinha (caiu no chão)

R: Aqui queijo, ó queijo. Ó Vi Tem mais queijo. (pega a panela)

V: Vô fazê um agora.

Pode-se observar, na situação descrita acima, uma riqueza de jogo simbólico, onde tudo é aproveitado e tematizado. Existe um engajamento da dupla em experimentar o modo adulto como forma de aquisição de conhecimento.

Notou-se também a manutenção da interação por um longo período, sendo a estruturação da brincadeira realizada por ambas as crianças, existindo um respeito mútuo.

A possibilidade de construir uma representação e partilhá-la com outrem torna-se cada vez mais evidente. A pesquisa sobre o mundo inclui o ir e vir da presente situação para outras experiências vividas. Neste contexto observa-se a alternância de turnos na interação.

Situação 5:

Ru e E brincando, com o espelho da penteadeirainha, no sol.

E: Ali, ali na parede (mostra o reflexo do espelho)

Ru: (corre e "pega")

- E: Tá na tua ropa
Ru: (pula)
- E: Táli, táli, táli
Ru: (pega o espelho e faz reflexo também) Via (mostrando a parede) Pega ela Pega ali, pega
- E: (vai até a parede). Cadê?
Cadê?
Ru: (ri) Ali, aí
- E: (põe a mão no reflexo)
Peguei

Observa-se também, mudanças constantes de tópicos e a volta a tópicos anteriores em função de estímulos externos (adulto, ruído)

Situação 6:

- V e R brincando de fazer pastel.
R: Aqui queijo, ó queijo. Ó Vi tem mais queijo.
(pega a panela)
V: Vô fazê um agora.
(fica mexendo com a colher)
(mexe dentro da caixa)
V: Tem duas pazinhas.
- R: Qué pastel? (passa um cavalo na rua) É um cavalo.
V: Ó, o garfo, o garfo (pegando na caixa)
- R: O lixinho.

Em algumas situações a dupla se dividiu em dois jogos simbólicos individuais que se intercomunicaram. Existe uma superposição de jogos simbólicos.

Situação 7:

- R e E brincando de casinha.
R: Tô ponu a cumida no prato prá você: arroz, feijão
E: Dá
- R: Tô
E: Eu tô nu trabaio
- R: Não, issu num é prá levá no trabalho
E: Então, o que qui eu vô levá no trabaio? (mostra uma colher)
- R: Pode levá pro seu trabalho.
Tomá

E: (pega)

R: Eu pus carne

As crianças atribuem papéis sexuais a objetos - estes são objetos de homem e estes de mulher - essa divisão esconde intenções de diferenciação de papéis, servindo como critério para que cada criança inicie a construção de um **personagem**.

Situação 8:

V e R explorando a caixa de brinquedos
(se aproxima e começa a tirar os
brinquedos)

V: Tem uma panelinha (vira-se
para o fogãozinho no qual
tem uma panelinha)

R: (abre o forno e tenta tirar a
panelinha)

V: Não esquentou. Não
esquentou ainda R.

R: Ah! Vô pegá otra.

V: Não deixa que eu coloco.
Homem não coloca.

A criança se constitui como sujeito assumindo papéis, e é através da brincadeira que isso se torna possível, pois é nela que a criança cria constantes possibilidades de agir sobre o mundo através dos papéis que na brincadeira assume.

Isso possibilita à criança se diferenciar do outro e construir linguagem.

4. Conclusão

A falta de referência a estudos sobre interação criança - criança e o tempo limitado de um ano de pesquisa dificultaram o percurso deste trabalho.

Fica claro, neste momento, a impossibilidade de fundamentarmos nosso estudo de interação criança - criança em modelos teóricos baseados na interação adulto - criança.

Na interação criança - criança, os papéis são estabelecidos de formas específicas, que se manifestaram no jogo simbólico. Pode-se supor que o papel de intérprete ocorre em nível da estruturação da brincadeira e não do discurso.

Nessa interação, a responsabilidade pela estruturação e manutenção da interação não é localizada em nenhum dos participantes e, sim, repartida por todos. O papel de intérprete compartilhado pelos interlocutores e a habilidade da criança construir significados parte sempre de experiências sociais anteriores, como, por exemplo, interações com adultos.

Entretanto, tal assunto requer estudos mais aprofundados. Existem ainda muitas dúvidas a respeito da interação de crianças, mas é certo que essa interação é favorável para o desenvolvimento da linguagem.

NOTAS

- * Adaptação de trabalho de conclusão do Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP (1993) orientado pela Prof. Dra. Sílvia Friedman.
- ** Fonoaudiólogas clínicas.
- *** Mestre em Distúrbios da Comunicação e Prof. da PUC-SP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, M. L. G. (1989) **Processo de Subjetivação/Objetivação e a Emergência dos Procedimentos de Negação**. Dissertação de Mestrado. SP: PUC-SP.
- CARVALHO, A.M.A. & BERALDO, K.E.A. (1989) *Interação Criança-Criança: Ressurgimento de uma Área de Pesquisa e suas Perspectivas*. USP.
- FRANÇA, G. W. (1990) *O papel do jogo na educação das crianças*.
- LEMOS, C. T. G. (1986) *Interacionismo e aquisição de linguagem*. **DELTA**, 2: 231-48.
- LEMOS, C. T. G. (1989) *Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões*. In **Anais do Primeiro Encontro Nacional de Aquisição de Linguagem**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- LIER, M. F. (1983) **A Constituição do Interlocutor Vocal**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- OLIVEIRA, Z. M. R. (1988) **Jogos de Papéis: Uma perspectiva nova de análise do desenvolvimento humano**. Tese de Doutorado. SP: IPUSP-SP.
- PEROSA, G. B. (1990) **A Creche e os Estudos em Desenvolvimento: Análise dos contatos precoces entre pares**. Tese de Doutorado. SP: PUC-SP.

RUBINO, R. (1989) **Representando o Interlocutor Vocal no Período Pré-Linguístico**. Dissertação de Mestrado. SP: PUC-SP.

